



23 DE FEVEREIRO DE 2018

Sexta-feira

- ICEI - ÍNDICE DE CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO INDUSTRIAL
- PRODUÇÃO SEGUE EM QUEDA, MAS EMPRESÁRIO ESTÁ OTIMISTA, REVELA CNI
- ATIVIDADE ECONÔMICA NO SUDESTE AVANÇOU 0,8% NO TRIMESTRE ATÉ NOVEMBRO, DIZ BC
- CONFIANÇA DA INDÚSTRIA SOBE 0,2 PONTO EM FEVEREIRO, MOSTRA PRÉVIA DA FGV
- BRASIL E MÉXICO ESTREITAM COOPERAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MICRO E PEQUENAS EMPRESAS
- CARRO ELÉTRICO É RISCO AO SETOR, DIZ PSA
- MONTADORA AINDA NÃO DÁ LUCRO NO BRASIL
- 'CRISE JÁ FAZ PARTE DE UM PASSADO PRÉ-HISTÓRICO', DIZ PRESIDENTE DA VOLKSWAGEN
- APÓS GM E FIAT, VOLKS TAMBÉM ADMITE QUE TEM EXCEDIDO ACORDO COM ARGENTINA
- PEUGEOT E CITROËN DESENVOLVEM LINHA PRÓPRIA DE CARROS ELETRIFICADOS
- VOLKSWAGEN PREPARA FORNECEDOR PARA CRESCIMENTO MAIOR EM 2018
- CARRO ELÉTRICO É RISCO AO SETOR, DIZ PSA
- PSA AINDA PERDE DINHEIRO NO BRASIL, MAS MELHOROU
- NISSAN KICKS FEITO NO BRASIL COMEÇA A ABASTECER A ARGENTINA
- EMPRESA INDIANA PCL INVESTIRÁ US\$ 30 MILHÕES EM 1ª FÁBRICA NO BRASIL
- MARCOPOLO APURA FATURAMENTO 11,7% MAIOR EM 2017
- ELÉTRICOS PODEM DERRUBAR INDÚSTRIA, AVISA CARLOS TAVARES
- FATURAMENTO DA SCHAEFFLER SUPERA EXPECTATIVA E CRESCE 5,9% EM 2017

- FIM DA PRODUÇÃO! FIAT PALIO SE APOSENTA APÓS DUAS DÉCADAS
- RECEITA CANCELA 1,3 MILHÃO DE CNPJS DE MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS
- GOVERNO CENTRA O FOCO NO PROJETO DE REFORMA TRIBUTÁRIA
- NOVA FERRAMENTA DO INSS MOSTRA O TEMPO QUE FALTA PARA SE APOSENTAR
- APURAÇÃO DO CARTÃO DE PONTO - IMPACTOS DO eSOCIAL
- PREÇO DA GASOLINA AUMENTA 0,21% E DIESEL SOBE 1,25% NO DIA 24, DIZ PETROBRAS
- CAIXA QUER ECONOMIZAR ATÉ R\$ 500 MI AO ANO COM NOVO PDV
- BRASIL TERMINA 2017 COM 26,3 MILHÕES DE SUBEMPREGADOS
- TAXA DE SUBUTILIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NO PAÍS FECHA 2017 EM 23,8%
- FGV DIZ QUE CONFIANÇA DO CONSUMIDOR CAI 1,4 PONTO EM FEVEREIRO
- INCC-M SOBE 0,14% EM FEVEREIRO ANTE 0,28% EM JANEIRO
- IPC-S SOBE 0,26% NA 3ª QUADRISSEMANA DE FEVEREIRO, DIZ FGV (+0,46% NA ANTERIOR)
- CONCENTRAÇÃO E JUROS ALTOS FAVORECEM LUCROS DE BANCOS
- MEIRELLES DIZ QUE BC AUTÔNOMO TEM MAIOR CREDIBILIDADE

CÂMBIO EM 23/02/2018		
	Compra	Venda
Dólar	3,241	3,242
Euro	3,986	3,988

Fonte: BACEN

ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR

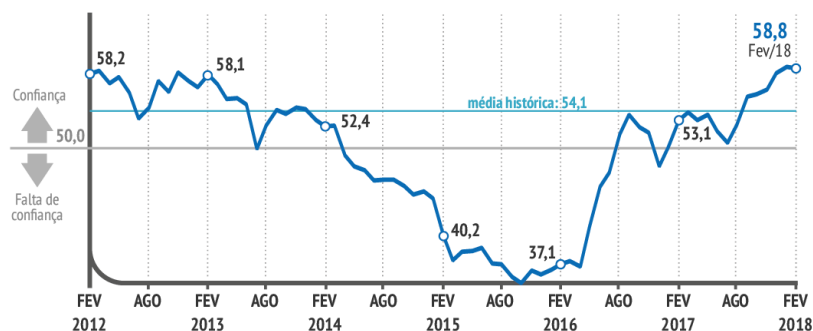
Confiança do empresário continua alta

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) ficou em 58,8 pontos em fevereiro de 2018, praticamente estável na comparação com janeiro. Com isso, a confiança do empresário permanece elevada.
Fevereiro/2018

Série histórica

Índice (0 a 100 pontos)*

*Valores abaixo de 50 pontos indicam falta de confiança do empresário. Quanto mais acima de 50 pontos, maior e mais disseminada é a confiança.



Produção segue em queda, mas empresário está otimista, revela CNI

23/02/2018 – Fonte: EM.com

A produção industrial continuou em queda no início de 2018, mas a intensidade foi bem menor do que em dezembro e em janeiro do ano passado. Sondagem Industrial divulgada nesta sexta-feira, 23, pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostra que o índice de evolução da produção ficou em 48,4 pontos em janeiro, abaixo da linha divisória de 50 pontos, mas 6 pontos maior que o registrado em dezembro passado e 4,2 pontos superior ao de janeiro de 2017. De acordo com o estudo, o dado é também superior ao de meses de janeiro desde 2014.

A Utilização da Capacidade Instalada (UCI) subiu 1 ponto percentual entre dezembro de 2017 e janeiro de 2018, e chegou a 65%, o que mostra que o nível de ociosidade na indústria segue elevada.

"O percentual de janeiro é de 5 p.p. inferior à média para o mês entre 2011 e 2016 (70%)", cita o levantamento.

Otimismo

Apesar de um cenário de desempenho ainda fraco, o setor empresarial está otimista quanto aos próximos seis meses, sobretudo no emprego. Segundo a CNI, pela primeira vez em quase quatro anos, o empresário industrial prevê aumento do número de empregados.

O índice que mede a expectativa de evolução do número de empregados subiu de 50,2 pontos, na edição anterior, para 51,2 pontos, no estudo atual. A última vez que o índice superou os 51 pontos foi em março de 2014, quando ficou em 51,8, informa a CNI.

Além do emprego, os outros índices de expectativa tiveram alta pelo segundo mês consecutivo, todos com resultados acima dos 50 pontos. Segundo a CNI, os empresários acreditam em aumento mais intenso da demanda e da quantidade exportada e pretendem ampliar as compras de matérias-primas.

Além disso, o índice de intenção de investimento aumentou 0,6 ponto, alcançando 53,6 pontos, o maior valor desde 2014, quando ficou em 54,6 pontos.

"O índice encontra-se 5,8 pontos acima da média histórica do indicador, de 47,8 pontos, e 6,7 pontos acima do registrado em fevereiro de 2017", cita a

sondagem. A intenção de investimento das grandes indústrias ficou em 62,2 pontos, seguida das médias, com 49,2 pontos, e das pequenas, com 41,1 pontos.

A Sondagem Industrial de janeiro de 2018 consultou 2.331 empresas, das quais 945 pequenas, 842 médias e 544 grandes. Os dados foram coletados no período de 1º a 19 de fevereiro de 2018.

Atividade econômica no Sudeste avançou 0,8% no trimestre até novembro, diz BC

23/02/2018 – Fonte: EM.com

A atividade econômica da região Sudeste avançou 0,8% no trimestre encerrado em novembro, na comparação com os três meses terminados em agosto, e liderou a expansão nacional, informou nesta sexta-feira, 23, o Banco Central (BC) a partir do boletim regional, que considera dados dessazonalizados.

"No Sudeste, a atividade econômica manteve trajetória de retomada gradual", ressalta o BC, destacando que as vendas no comércio e a produção industrial avançaram na região no período. A retomada econômica continuou a ser puxada no período pelo consumo das famílias, destaca o documento.

Pelo lado negativo, o mercado de trabalho segue ainda fragilizado na região, "dificultando a recuperação sólida dos indicadores de consumo", avalia o BC. O documento nota que o mercado vem dando sinais de melhora e a eliminação de vagas formais no período foi inferior à de igual intervalo de 2016.

"No setor externo, o maior dinamismo do saldo comercial em 2017 contribuiu para a recuperação de importantes segmentos da indústria regional, reforçando a percepção de reativação consistente da economia da região." No trimestre encerrado em agosto, a região havia crescido 0,7%.

Confiança da indústria sobe 0,2 ponto em fevereiro, mostra prévia da FGV

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) teve avanço de 0,2 ponto na prévia da sondagem de fevereiro em relação ao resultado fechado do mês anterior, informou a Fundação Getúlio Vargas (FGV) nesta sexta-feira, 23. Se confirmado, o indicador alcançou 99,6 pontos em fevereiro, o maior patamar desde outubro de 2013, quando estava em 99,9 pontos.

Houve melhora das expectativas, mas deterioração da percepção sobre o momento presente. Após a queda de 2,4 pontos em janeiro, o Índice de Expectativas (IE) subiu 2,6 pontos em fevereiro, para 100,6 pontos, patamar mais elevado desde setembro de 2013. Já o Índice da Situação Atual (ISA) caiu 2,4 pontos, para 98,5 pontos, eliminando o ganho também de 2,4 pontos registrado em janeiro.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (Nuci) da indústria indicou um avanço de 0,6 ponto porcentual na prévia de fevereiro ante o fechamento de janeiro, de 74,7% para 75,3%, o maior patamar desde junho de 2015 (75,8%).

A prévia dos resultados da Sondagem da Indústria abrange a consulta a 786 empresas entre os dias 1º e 20 de fevereiro. O resultado final da pesquisa será divulgado no próximo dia 28.

Brasil e México estreitam cooperação em políticas públicas para micro e pequenas empresas

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR



Secretário Especial da Micro e Pequena Empresa, José Ricardo da Veiga, participa, no México, de evento da OCDE voltado para o desenvolvimento do setor

Num encontro bilateral realizado durante o evento da OCDE que reúne autoridades de diversos países, na Cidade do México, até sexta-feira, o secretário Especial da Micro e Pequena Empresa do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, José Ricardo da Veiga, reuniu-se com Alejandro Delgado Ayala, presidente do Instituto Nacional del Emprendedor (Inadem) do México. Os dois concordaram na importância de aprofundar a cooperação bilateral para beneficiar os pequenos empreendedores de ambos os países.

“A agenda hoje foi muito positiva com o presidente do Inadem porque ele se mostrou com disposição para fazer um Memorando de Entendimento com o Brasil e concordamos em estabelecer uma agenda conjunta de cooperação das MPMEs brasileiras e mexicanas”, destacou o secretário. Segundo José Ricardo da Veiga, o México pode ser exemplo para o Brasil na concessão de crédito e garantias. “O México tem iniciativas nesse sentido e nós do Brasil temos interesse em entender como esta política está sendo posta em prática” afirmou.

Por outro lado, de acordo como secretário, o México criou um fórum nacional com seus respectivos fóruns estaduais, que é o modelo adotado no Brasil, com o Fórum Nacional da Micro e Pequena Empresa. “Temos um grande espectro de ações para cooperar e a grande oportunidade de agora é a visita do presidente do México Henrique Peña Nieto ao Brasil, em março”, lembrou José Ricardo.

Alejandro Delgado disse estar impressionado com os números do setor no Brasil e afirmou que o México tem grande interesse em construir uma agenda de cooperação conjunta. “Nos interessa muito a experiência brasileira. Também temos feito um grande trabalho nessa área e temos uns dos melhores programas do mundo para elevar capacidades e permitir a inclusão tecnológica dos pequenos empreendedores”, afirmou Delgado.

O secretário da Sempe assinalou, ainda, que o México é um parceiro histórico e estratégico do Brasil em vários setores. “Temos os ACEs 53 e 55 em vigor e não tínhamos ainda feito uma parceria específica de micro e pequenas

empresas. Nós percebemos um movimento recente do México de desenvolver políticas específicas para as MPMEs e levar desenvolvimento para o interior do país, o que coincide muito com o que temos desenvolvido no Brasil”, finalizou.

África do Sul

Ainda nesta quarta-feira, durante o evento da OCDE, o diretor de Apoio à Micro Empresa da Sempe, Nizar Midrej, reuniu-se com a diretora geral para o Desenvolvimento de PMEs da África do Sul, Edith Vries, para discutir oportunidades de cooperação. A diretora ficou interessada em conhecer a experiência brasileira com o Portal do Empreendedor, por meio do qual os microempreendedores individuais (MEI) brasileiros conseguem se formalizar em apenas dez minutos.

De 2009 a 2018, informou Nizar Medrei, mais de 7 milhões de microempreendedores brasileiros saíram da informalidade. Segundo Edith Vries, dos 2,7 milhões de pequenos negócios da África do Sul, 1,3 milhões ainda atuam sem registro oficial. Para o diretor da Sempe, a aproximação entre Brasil e África do Sul, no campo das MPEs, será bastante rica para ambos os países. “A experiência brasileira é um caso de sucesso e apoiar nossos parceiros é essencial para alcançarmos novos mercados para os pequenos negócios brasileiros”, avalia.

Carro elétrico é risco ao setor, diz PSA

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR

O processo de eletrificação dos automóveis em andamento em vários países, especialmente os europeus, pode colocar em risco a sobrevivência de empresas do setor. A preocupação é do presidente mundial do grupo PSA Peugeot Citroën, Carlos Tavares, para quem a urgência em mudar a forma de abastecimento é uma exigência “política”, que vem de governos, e não do setor automobilístico.

“O custo dessa transição é enorme e quem não cumprir as etapas até 2030 receberá multas exorbitantes, o que poderá matar a empresa”, diz o executivo português. Há quatro anos ele assumiu o comando da PSA, grupo que esteve à beira da falência em 2012, voltou a ser lucrativo e comprou da General Motors, no ano passado, a fabricante europeia Opel.

Tavares esteve esta semana no Brasil, em visita à fábrica em Porto Real (RJ) e falou a um grupo de jornalistas sobre suas preocupações com as mudanças que o setor automotivo enfrenta nesse momento em que a maioria das montadoras estabeleceu prazos para priorizar modelos elétricos e híbridos em substituição aos movidos a motores a combustão.

Ele reclama que não há debate aberto sobre como será gerada a energia – se vier do carvão, por exemplo, o processo gera poluentes. “Não se fala sobre as emissões das fábricas de baterias e o processo de reciclagem dessas baterias”, acrescenta o executivo, que também tem dúvidas sobre a capacidade de geração de energia para abastecer toda a nova frota, sobre os custos dessa energia e a infraestrutura para abastecimento.

A indústria automobilística emprega na Europa 12,6 milhões de trabalhadores, informa Tavares, que também preside a Acea, associação das montadoras

europeias. A entidade é outra crítica da forma como legisladores do Parlamento Europeu estão impondo as regras para reduzir emissões. O movimento se intensificou após o escândalo do “diesel gate”, envolvendo manipulação de testes para encobrir emissões de carros a diesel.

O presidente da Volkswagen na América do Sul e Brasil, Pablo Di Si, ressalta que, nos mercados mais avançados, a venda de carros elétricos é suportada por subsídios governamentais que não poderão ser mantidos por muito tempo. Ele defende, contudo, a eletrificação no longo prazo pois será a base para os carros autônomos.

Lançamento

Apesar das críticas, a PSA se prepara para lançar modelos 100% elétricos em 2019 e afirma que terá versões elétricas ou híbridas de toda sua gama de produtos até 2025.

“Optamos por desenvolver tecnologia própria e faremos vários componentes próprios”, diz o executivo, que não revelou investimentos.

Outra justificativa para a corrida ao carro elétrico, diz Tavares, é o receio das companhias europeias em perder espaço para a China, que já declarou que pretende liderar o processo global de eletrificação. “Ou nos adaptamos, ou morremos.”

O Brasil, de certa forma, está mais distante dessa discussão. “O carro flex é um fator positivo pois já permite avanços”, diz Tavares, se referindo às exigências de redução de CO2 previstas na Cop-21, a conferência sobre mudanças climáticas. “Os objetivos impostos na Europa são mais severos que os da Cop-21”, ressalta.

Montadora ainda não dá lucro no Brasil

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR

O Brasil é o único país entre os principais mercados da PSA Peugeot Citroën no mundo que ainda não dá lucro. A última vez que a subsidiária teve resultados positivos no País foi em 2011, quando as duas marcas venderam, juntas, quase 176 mil veículos.

No ano passado foram 49 mil, um recuo de mais de 70% ante um mercado total que caiu 36% no período. “É preciso lembrar que em 2012 estávamos à beira da falência e podíamos ter parado naquele período”, afirma o presidente mundial do grupo, Carlos Tavares. Desde então, toda a companhia passou por mudanças e em 2015 as finanças globais passaram a ser positivas, inclusive nos demais países da América do Sul.

No mundo todo a PSA vendeu no ano passado 3,63 milhões de veículos, 15,4% a mais que em 2016. Foi o quarto ano seguido de alta de vendas. Na Europa, o grupo francês detém 11% de participação no mercado e espera atingir 17% quando concluir a recuperação da Opel, marca europeia adquirida da General Motors no ano passado.

Vulnerabilidade

“A situação do Brasil melhorou, mas ainda não está como deveria; temos de trabalhar mais”, admite o executivo.

Ele diz que, apesar da vulnerabilidade da operação local, a empresa “está aqui para ficar” e manterá o plano de recuperação da marca no País principalmente com lançamento de novos produtos.

Três deles, importados – os utilitários Jumper e Boxer (que já foram produzidos localmente) e o sedã C4 Lounge chegarão em março. Também haverá novidades em carros fabricados em Porto Real (RJ), mas o executivo não quis antecipar detalhes. Atualmente a fábrica produz os modelos Peugeot 208 e 2008 e os Citroën C3 e Aircross.

O complexo industrial tem capacidade para produzir 150 mil veículos ao ano e, em 2017, produziu 96 mil.

“Já temos um plano de lançamentos assegurados até 2023, mas cada um deles é definido um a um; se avaliarmos que é rentável, faremos”, informa Tavares, para quem hoje interessa mais o resultado financeiro da operação do que fatias do mercado. “Adoro ter participação de mercado, mas isso não paga os funcionários no fim do mês”.

O grupo não descarta importar ou até mesmo produzir localmente modelos da Opel que, por muitos anos, foram a base da produção da GM no Brasil, como o Astra e o Vectra.

A decisão também caberá ao presidente da marca na América Latina, no caso o francês Patrice Lucas, que assumiu o cargo neste mês em substituição ao também português Carlos Gomes, que assumiu os negócios da marca na China.

'Crise já faz parte de um passado pré-histórico', diz presidente da Volkswagen

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR

Montadora que enfrentou a maior queda nas vendas durante a crise econômica no Brasil, a Volkswagen tem se mostrado otimista quanto ao desempenho do mercado nacional em 2018 e nos próximos anos. “A crise já faz parte de um passado pré-histórico”, afirmou nesta quinta-feira, 22, o presidente da empresa para a região da América do Sul, América Central e Caribe, Pablo Di Si, antes de participar de evento de lançamento da nova versão da picape Amarok, na capital paulista.

“Desde o segundo semestre do ano passado, as notícias são de retomada, os resultados estão melhores e a tendência é de alta”, acrescentou, dessa vez no discurso que marcou o lançamento do carro. “Em 2017, o mercado já apresentou crescimento nos volumes de produção, vendas e exportação. Em 2018, está claro o início de uma retomada, o retorno da indústria automobilística para um ciclo positivo”, afirmou também.

O executivo citou que, como um primeiro sinal de 2018 será um ano de crescimento mais robusto, as vendas em janeiro cresceram 22% em relação a igual mês do ano passado, no segmento de veículos leves. O resultado parcial

de fevereiro, segundo ele, aponta queda de 2% em relação a igual intervalo de fevereiro do ano passado, mas o desempenho deste ano é prejudicado pelas datas do carnaval. A projeção do executivo para o mês fechado é de crescimento de 18% a 20%. Para o ano inteiro, é de expansão de 15%.

O presidente da empresa também comentou a indefinição em torno de Rota 2030, política do governo para o setor automotivo que deveria ter entrado em vigor no dia 1 de janeiro deste ano, no lugar do Inovar-Auto, que expirou no dia 31 de dezembro de 2017. Segundo ele, independentemente do que aconteça com o Rota 2030, os investimentos anunciados pela Volkswagen, que são de R\$ 7 bilhões até 2020, não serão afetados.

O atraso do Rota 2030 se deve a divergências no governo sobre como deverá ser a tributação dos carros, de modo a gerar um incentivo fiscal de R\$ 1,5 bilhão para as montadoras. Apesar de garantir que os investimentos da Volkswagen não serão afetados, o executivo disse que o lançamento do programa é importante para gerar ganhos tecnológicos para o setor no Brasil, como ocorreu no período do Inovar-Auto.

Após GM e Fiat, Volks também admite que tem excedido acordo com Argentina

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR

A Volkswagen admitiu nesta quinta-feira, 22, que é uma das montadoras que têm excedido os limites do acordo comercial entre Brasil e Argentina para veículos e autopeças. O documento diz que, para cada US\$ 1 que os argentinos exportam para o mercado brasileiro, o caminho inverso tem de ser de até US\$ 1,5. Esta relação é chamada pelos dois governos de “flex”.

Como a demanda de consumidores brasileiros enfrentou uma forte queda durante a crise econômica, a necessidade de importar carros argentinos também despencou. Por outro lado, as vendas no país vizinho têm crescido nos últimos anos, o que tem estimulado as exportações brasileiras para lá. Tal desequilíbrio tem levado o “flex” de todo o setor a atingir algo um pouco acima de US\$ 2.

Com a balança desfavorável para a Argentina, o presidente Mauricio Macri reagiu exigindo que as filiais argentinas das montadoras responsáveis por esse excesso depositassem uma garantia, que corresponde a uma antecipação da multa que terá de ser paga quando o acordo expirar, em junho de 2020. Se o desequilíbrio permanecer depois do fim do acordo, a garantia é executada.

A “confissão” da Volkswagen foi feita nesta quinta-feira, 22, pelo presidente da montadora para a região da América do Sul, América Central e Caribe, Pablo Di Si, antes de participar de evento de lançamento da nova versão da picape Amarok, em São Paulo.

O executivo, no entanto, minimizou a questão, alegando que o excesso já estava no planejamento da empresa e que, antes do fim do acordo, o equilíbrio comercial entre os dois países será retomado, com o “flex” sendo respeitado.

Di Si explicou que, no caso da Volkswagen, o excesso é causado pelo segmento de caminhões. Segundo ele, a montadora consegue realizar uma troca

equilibrada entre os dois países no comércio de veículos leves, uma vez que tanto a fábrica da Argentina quanto as fábricas do Brasil têm produção nesse segmento. O problema está nos caminhões, já que só o Brasil produz e exporta caminhões.

O executivo não quis informar qual é o tamanho do excesso da Volkswagen nem qual é o valor cobrado pelo governo argentino como garantia, mas disse que a empresa não está entre os piores casos. "Se olharmos o filme como um todo, tem montadoras que estão muito acima", afirmou Di Si, sem revelar os nomes das empresas.

A garantia cobrada pelo governo argentino é referente ao período que vai de julho de 2015, quando teve início a última renovação do acordo, até junho de 2017, quando esta renovação completou dois anos. Nesse período, o "flex" ficou em US\$ 1,8. Em julho de 2017, a Argentina publicou resolução na qual avisou que vai cobrar as garantias das empresas. Mesmo assim, desde então, o "flex" continua acima do limite de US\$ 1,5, chegando a mais de US\$ 2.

O presidente da Volkswagen disse também que pretende reequilibrar esta proporção a partir de um aumento das importações de carros produzidos na Argentina, em vez de reduzir as exportações brasileiras para lá. "Será uma situação de ganha-ganha", afirmou, explicando que essa estratégia será beneficiada pelo crescimento do mercado brasileiro, que vai demandar mais carros argentinos.

Além da Volkswagen, a GM e a Fiat também admitiram que estão excedendo o flex. A GM informou que está apenas "um pouco acima" do limite e disse que, por isso, a garantia cobrada pela Argentina é irrisória, de US\$ 25 mil.

A Fiat afirmou que vai reequilibrar o comércio entre os dois países por meio da importação de um novo modelo que será produzido na Argentina, o Cronos. Quatro montadoras disseram que não estão superando o "flex": Ford, Honda, Toyota e Scania. As demais empresas não deram uma resposta.

Peugeot e Citroën desenvolvem linha própria de carros eletrificados

23/02/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

O Grupo PSA Peugeot Citroën, que hoje também controla a marca alemã Opel, lançará uma nova linha de carros eletrificados entre 2019 e 2020.

Segundo Carlos Tavares, presidente mundial do grupo PSA, os modelos terão tecnologia própria, desenvolvida pelos departamentos de engenharia da empresa. O executivo veio ao Brasil para reuniões e visita à fábrica de Porto Real (RJ).

A montadora já havia anunciado que todos seus veículos terão uma versão híbrida (que concilia motores a combustão e a eletricidade) ou 100% elétrica a partir de 2025.

Hoje, os modelos não poluentes da PSA vêm de parcerias, como o Peugeot iOn, que foi desenvolvido pela japonesa Mitsubishi.

HISTÓRIA

A Peugeot produziu seu primeiro carro elétrico em 1940, o VLV (sigla para "voiture légère de ville", carro urbano leve). O objetivo era driblar a escassez de combustível durante a Segunda Mundial.

O compacto tinha baterias de chumbo e autonomia para rodar cerca de 80 quilômetros, desde que o motorista não ultrapassasse os 30 km/h.

Cerca de 400 unidades do VLV foram fabricadas até que o projeto fosse encerrado. Com o fim do conflito, a gasolina voltou aos postos.

Nos anos 1990, o 106 Eletrique foi uma nova tentativa da marca francesa. Contudo, custava caro e vendeu pouco na Europa.

CUSTOS FUTUROS

Apesar dos investimentos, a visão de Tavares sobre o futuro dos veículos elétricos não é muito otimista. O executivo diz que a transição será difícil também para os governos, que devem perder receita com o menor número de vendas de veículos a gasolina ou diesel —que pagam impostos elevados.

Para equilibrar a conta, será preciso modificar o sistema de tributação sobre os automóveis eletrificados, que hoje têm isenções fiscais em grandes mercados. No Brasil, modelos como o elétrico BMW i3 e o híbrido Toyota Prius chegam isentos de imposto de importação e, em breve, terão o IPI (imposto sobre produtos industrializados) reduzido.

"Qual governante hoje vai anunciar um aumento de impostos por causa dos veículos elétricos? E qual será o preço cobrado pela eletricidade, que impacta no custo do quilômetro rodado? E como será a reciclagem das baterias? Ainda não há uma regulação completa", diz o executivo.

Para Tavares, "há um risco muito grande de que os carros elétricos sejam usados como política eleitoral nas grandes cidades".

Contudo, o executivo tem certeza de que a adoção de tecnologias não poluentes é um caminho sem volta para a indústria automotiva. "Ou nos reinventamos, ou desaparecemos".

BRASIL

O grupo PSA passou por uma grave crise no começo da década, quando esteve à beira da falência. Carlos Tavares chegou à empresa em 2013 para iniciar o processo de reestruturação, que teve seu ponto alto na compra da alemã Opel, que incluiu também a marca inglesa Vauxhall.

No Brasil, o grupo viu vendas e rentabilidade despencarem nos últimos anos, com prejuízos seguidos. As marcas estão renovando suas linhas de produtos e começa a obter bons resultados. O utilitário de luxo 3008 (R\$ 145 mil) tem fila de três meses.

A Citroën prepara o lançamento da linha 2019 do sedã C4 Lounge, com mudanças de estilo. A marca lançará também o utilitário C4 Cactus, que deve estreiar no segundo semestre.

Sobre a Opel, Tavares afirma que a decisão sobre sua chegada ao Brasil caberá à filial. Os carros podem vir como importados e até terem produção local no futuro, apostando na memória do consumidor.

Diversos carros desenvolvidos pela empresa alemã chegaram ao país com a marca Chevrolet, como Opala, Chevette, Kadett, Astra e Vectra.

Volkswagen prepara fornecedor para crescimento maior em 2018

23/02/2018 – Fonte: Automotive Business

Vendas da marca avançam o dobro acima da média do mercado

A **Volkswagen** começou a preparar seus **fornecedores** para crescimento da produção em 2018 acima de 15%, maior do que a inicialmente projetada. Em janeiro as vendas do mercado brasileiro avançaram 22% e as da VW cresceram o dobro, 45%, elevando em três pontos percentuais, para 15,3%, o market share da marca, que passou a Fiat e tomou o segundo lugar no ranking das mais vendidas no Brasil.

“A crise ficou no passado”, avalia Pablo Di Si, presidente da Volkswagen Brasil e América do Sul.

“Em outubro passado nos reunimos com vários fornecedores, para prepara-los para expansão da produção acima de 15%, mas vimos que eles esperavam de 5% a no máximo 10%. Fiz então uma reunião com nosso comitê executivo e disse que teríamos problemas com isso, pois o pior que pode acontecer agora é faltar matéria prima para produção de peças e não ter carros para entregar, justamente no momento em que os clientes estão voltando às lojas”, contou Di Si.

Segundo o executivo, a Volkswagen começou a promover ações para ajudar a recuperar a cadeia de suprimentos; entre elas, intermediou uma aproximação de cerca de 30 fornecedores com o BNDES, para viabilizar financiamentos em produção e capital de giro. Tudo para garantir o abastecimento das fábricas no Brasil e na Argentina.

Di Si diz que os lançamentos feitos a partir de 2017 começaram a fazer efeito positivo. “O Polo lançado há menos de um ano já é o quarto carro mais vendido do País e caminha para ser o terceiro, isso abriu o fluxo de loja, os clientes estão comprando, mesmo quando não acham o modelo optam por outro, como o Gol.

O mesmo ocorre com o Virtus que começamos a faturar para a rede há apenas duas semanas. A pré-venda da nova Amarok V6 esgotou todas as 450 unidades disponíveis em 24 horas. Tudo indica que devemos crescer mais do que projetamos”, confia o executivo.

FÁBRICAS EM RITMO ACELERADO

Com esses resultados, São Bernardo do Campo (SP), onde são produzidos Polo e Virtus, já trabalha em três turnos desde outubro do ano passado, após o retorno de mil funcionários que estavam afastados em layoff. A linha de motores EA211 da planta de São Carlos (SP) também opera 24 horas, pois

além de fornecer para os propulsores 1.0 três-cilindros (aspirado e turbinado TSI) e 1.4 TSI para carros nacionais da marca, também tem contratos de exportação para México e Alemanha. Taubaté (SP) segue em dois turnos, mas deverá aumentar o ritmo com a introdução de novo produto.

E no Paraná, em São José dos Pinhais, os 550 empregados em layoff deverão reabrir o segundo turno com o início da fabricação do SUV T-Cross, previsto para ser lançado no segundo semestre. Na planta argentina, que recebe investimento de US\$ 650 milhões para modernização e instalação de nova cabine de pintura, um novo utilitário esportivo médio deve entrar em produção no ano que vem.

Di Si voltou a destacar que a Volkswagen vai lançar 20 novos produtos até 2020, sendo que Polo, Virtus e Amarok V6 são os três primeiros dessa safra, que ainda não contempla o segmento que mais cresce no Brasil e no mundo, o de utilitários esportivos.

"A fatia de mercado de SUVs era de 4% a 5% apenas alguns anos atrás, agora esse patamar já está em 20% e tem potencial de ir a 30%. Dos nossos 20 lançamentos planejados, cinco são SUVs, começando com o Tiguan que chega em abril do México. Com esses produtos temos tudo para subir ao segundo lugar (no mercado brasileiro) e talvez até ao primeiro", afirma Di Si.

Ele também promete progresso com as exportações, que em 2017 cresceram 52% para o recorde de 163 mil unidades, mas a grande maioria, 93 mil, para um único mercado, a Argentina. Atualmente a Volkswagen exporta a partir do Brasil para 15 países, todos na América Latina.

Di Si prevê que este ano as vendas externas devem continuar a crescer, mas afirma que o desafio a partir de agora é conquistar clientes fora da região. "Queremos acrescentar às nossas exportações de cinco a dez países fora da América do Sul", diz.

Carro elétrico é risco ao setor, diz PSA

23/02/2018 – Fonte: EM.com

O processo de eletrificação dos automóveis em andamento em vários países, especialmente os europeus, pode colocar em risco a sobrevivência de empresas do setor.

A preocupação é do presidente mundial do grupo PSA Peugeot Citroën, Carlos Tavares, para quem a urgência em mudar a forma de abastecimento é uma exigência "política", que vem de governos, e não do setor automobilístico.

"O custo dessa transição é enorme e quem não cumprir as etapas até 2030 receberá multas exorbitantes, o que poderá matar a empresa", diz o executivo português. Há quatro anos ele assumiu o comando da PSA, grupo que esteve à beira da falência em 2012, voltou a ser lucrativo e comprou da General Motors, no ano passado, a fabricante europeia Opel.

Tavares esteve esta semana no Brasil, em visita à fábrica em Porto Real (RJ) e falou a um grupo de jornalistas sobre suas preocupações com as mudanças que o setor automotivo enfrenta nesse momento em que a maioria das montadoras

estabeleceu prazos para priorizar modelos elétricos e híbridos em substituição aos movidos a motores a combustão.

Ele reclama que não há debate aberto sobre como será gerada a energia - se vier do carvão, por exemplo, o processo gera poluentes. "Não se fala sobre as emissões das fábricas de baterias e o processo de reciclagem dessas baterias", acrescenta o executivo, que também tem dúvidas sobre a capacidade de geração de energia para abastecer toda a nova frota, sobre os custos dessa energia e a infraestrutura para abastecimento.

A indústria automobilística emprega na Europa 12,6 milhões de trabalhadores, informa Tavares, que também preside a Acea, associação das montadoras europeias.

A entidade é outra crítica da forma como legisladores do Parlamento Europeu estão impondo as regras para reduzir emissões. O movimento se intensificou após o escândalo do "diesel gate", envolvendo manipulação de testes para encobrir emissões de carros a diesel.

O presidente da Volkswagen na América do Sul e Brasil, Pablo Di Si, ressalta que, nos mercados mais avançados, a venda de carros elétricos é suportada por subsídios governamentais que não poderão ser mantidos por muito tempo. Ele defende, contudo, a eletrificação no longo prazo pois será a base para os carros autônomos.

Lançamento

Apesar das críticas, a PSA se prepara para lançar modelos 100% elétricos em 2019 e afirma que terá versões elétricas ou híbridas de toda sua gama de produtos até 2025. "Optamos por desenvolver tecnologia própria e faremos vários componentes próprios", diz o executivo, que não revelou investimentos.

Outra justificativa para a corrida ao carro elétrico, diz Tavares, é o receio das companhias europeias em perder espaço para a China, que já declarou que pretende liderar o processo global de eletrificação. "Ou nos adaptamos, ou morremos."

O Brasil, de certa forma, está mais distante dessa discussão. "O carro flex é um fator positivo pois já permite avanços", diz Tavares, se referindo às exigências de redução de CO2 previstas na Cop-21, a conferência sobre mudanças climáticas. "Os objetivos impostos na Europa são mais severos que os da Cop-21", ressalta.

PSA ainda perde dinheiro no Brasil, mas melhorou

23/02/2018 – Fonte: Automotive Business



Carlos Tavares, CEO do Grupo PSA: progressos na América Latina, mas rentabilidade segue baixa

CEO da companhia garante lançamentos até 2023 e diz que precisa aumentar produtividade no País

Há três anos a divisão América Latina do **Grupo PSA** voltou a dar lucro, mas o **Brasil** segue sendo o único país da região onde a companhia **perde dinheiro**.

“Segue no prejuízo, mas (o resultado) vem melhorando”, pondera o CEO global Carlos Tavares, que assumiu a empresa à beira da falência quatro anos atrás e conseguiu recolocar o balanço no azul mais rápido do que o esperado. O executivo visitou a subsidiária brasileira esta semana, para conferir os progressos de perto, apenas 10 dias antes da divulgação oficial dos resultados da corporação em 2017, quando se espera por novos resultados positivos.

“Desde que assumi a companhia há quatro anos a melhoria na América Latina tem sido constante em termos de mercado e volumes ano a ano, mas apesar disso temos um modelo de baixa rentabilidade na região e isso nos deixa vulneráveis, com risco aumentado de ter de fazer cortes”, avalia Tavares.

“Nossa frustração no momento é não ter uma cota de mercado e lucratividade mais elevadas, mas trabalhamos para superar isso com o empenho das equipes aqui que vivem lutando contra as adversidades, porque decidimos que estamos na região para ficar, porque vemos potencial de bons resultados”, completa.

Desde o último resultado positivo no mercado brasileiro, em 2011, as vendas de veículos das duas marcas do grupo no País, Peugeot e Citroën, despencaram de quase 176 mil naquele ano para 49,4 mil em 2017, queda de 72%, o dobro da retração média do mercado no mesmo período, de 36%. Graças à exportação, quase toda para a Argentina, a fábrica de Porto Real (RJ) produziu 96 mil unidades trabalhando em dois turnos contidos, pois a capacidade é de 150 mil/ano.

O executivo português, que era o segundo em comando da Renault antes de assumir o comando da PSA, mostrou ser um especialista em recuperar a rentabilidade de empresas. Com esse conhecimento de causa, ele é categórico em afirmar que participação de mercado só é importante quando vem acompanhada de lucro.

“Deve haver um equilíbrio fundamental entre as duas coisas. Eu gosto de cota maior, foi por isso que decidi comprar a Opel, para aumentar de 11% para 17% nosso market share (na Europa), mas isso foi porque temos certeza que conseguiremos recuperar a rentabilidade da empresa, assim como fizemos na PSA, e ficar com 17% rentáveis, ou não valeria a pena”, diz. Ele recorda que quando assumiu a companhia francesa, em 2014, “a empresa estava praticamente falida e as pessoas ainda discutiam como ganhar mais mercado, mesmo que com mais prejuízo”.

NOVOS PRODUTOS, TALVEZ ATÉ OPEL

Para fazer a operação brasileira voltar a dar resultados positivos, a PSA preferiu ceder terreno, tirou de linha produtos deficitários, fez profunda reestruturação das redes de concessionárias das duas marcas, ajustou preços, mas devido à crise financeira que se abateu sobre a matriz na França, desde 2012, faltaram recursos para desenvolver carros novos e mais competitivos para a subsidiária

brasileira. Esse cenário começou a mudar recentemente, com a volta dos bons resultados globais.

“Por isso garantimos até 2023 um consistente plano de lançamentos na região que devem nos devolver atratividade nos próximos anos”, afirma Tavares. Ele não quis revelar quantos carros do grupo deverão ser lançados na América Latina no período, mas os números indicam para algo em torno de duas dezenas. “Mas vamos estudar caso a caso; quando chegar na época de lançar um modelo programado, verificamos a situação naquele momento para saber se vamos em frente ou não”, realça.

E Tavares admitiu, pela primeira vez, que no plano de lançamentos para o Brasil e demais países latino-americanos poderão ser incluídos carros da marca recém-adquirida da GM na Europa.

“Os modelos Opel estarão disponíveis se a direção da região achar que é viável”, afirmou. Portanto a decisão será de Patrice Lucas, que assumiu este mês o comando da divisão, no lugar de Carlos Gomes, que foi indicado para dirigir as operações na China.

Atualmente, na América do Sul os carros Opel só são vendidos no Chile e possivelmente devem chegar aos demais mercados regionais após a substituição das plataformas usadas na região pela GM em veículos Chevrolet, como é o caso do Cruze montado na Argentina.

PRODUTIVIDADE

Resolvida a questão da falta de produtos competitivos, Tavares destaca que sempre existe mais produtividade a buscar. Ele cita o exemplo da Opel: “Quando se fala em reduzir gastos a primeira coisa que vem à mente é cortar salários e pessoal. Mas há muitos outros fatores a atacar. Veja o caso da Opel: os custos de produção na Alemanha hoje são o dobro dos que temos na França, mas os trabalhistas são iguais. Isso quer dizer que há muito por fazer em modernização de fábricas, negociação com fornecedores, aumento de eficiência produtiva”, afirma.

No caso brasileiro, o executivo diagnostica a baixa produtividade como principal dreno da competitividade. “Conseguimos colocar as fábricas de Porto Real e Palomar (na Argentina) para trabalhar, mas ainda há muito gargalos. Um deles são os fornecedores, muitos se foram depois do período de crise. É preciso reconstruir a cadeia, levará algum tempo. Mas o importante é que estamos progredindo.”

Nissan Kicks feito no Brasil começa a abastecer a Argentina

23/02/2018 – Fonte: Automotive Business

Primeiro lote com 900 unidades chega ao país vizinho; antes, modelo era importado do México

A partir deste mês, a fábrica da **Nissan** em Resende (RJ) abastecerá a Argentina com o **Kicks**, que antes era importado do México pelo país vizinho desde junho do ano passado. O primeiro lote com 900 unidades produzidas no Brasil já está disponível na rede de concessionárias da marca com quatro

versões: Exclusive CVT, Advance CVT, Advance MT e o Kicks Special Edition, este último apresentado recentemente. A montadora projeta que 4 mil unidades do crossover cheguem ao mercado argentino pelos próximos seis meses.

Com isto, a Argentina se torna o primeiro país a importar o Nissan Kicks a partir do Brasil. O país vizinho também se abastece dos outros dois veículos que o Complexo Industrial de Resende produz, que são os compactos March e Versa, além dos motores 1.0 e 1.6.

A fábrica, inaugurada em abril de 2014, tem capacidade para produzir 200 mil carros por ano e atualmente exporta para sete países da América Latina, além da Argentina: Bolívia, Chile, Costa Rica, Panamá, Paraguai, Peru e Uruguai. Em novembro passado alcançou o marco de **200 mil unidades embarcadas**.

O Kicks é o primeiro modelo da Nissan desenhado para os mercados da América Latina. É um carro global, mas foi lançado mundialmente no Brasil, em meados de 2016, seguindo logo depois para outros mercados da América Latina. Também já está em mercados mundiais como China e Emirados Árabes e ainda neste ano começa a ser vendido nos Estados Unidos. Pelo seu plano global, a Nissan tem previsão de lançamento do modelo em mais de 80 países

Empresa indiana PCL investirá US\$ 30 milhões em 1ª fábrica no Brasil

23/02/2018 – Fonte: Automotive Business



Unidade será instalada em Santa Gertrudes para atender montadora de São Paulo

A fabricante de componentes automotivos **PCL** (Precision Camshafts Limited), da Índia, anunciou **investimento** de US\$ 30 milhões no **Brasil**, equivalente a R\$ 96 milhões, para erguer sua primeira fábrica nas Américas.

O local escolhido é Santa Gertrudes, cidade que fica a 180 km da capital paulista, para a produção de eixos de comando de válvula (componente de motor). Também faz parte do projeto da PCL iniciar em Santa Gertrudes uma plataforma de fornecimento de peças que atenda fabricantes de motores em outros países da América Latina, principalmente o México.

No início de suas operações no Brasil, está previsto apenas a produção de eixos de comando, com amostras disponíveis até o fim deste ano. Também até o fim de 2018, a empresa pretende contratar 70 funcionários com meta de chegar a 250 em até três anos de operação.

A chegada da empresa ao Brasil teve apoio da Investe São Paulo, agência de promoção de investimentos do estado, e foi solicitada por uma montadora

instalada em São Paulo, para que possa lançar sua nova linha de motores – o nome da montadora não foi divulgado.

Segundo a Investe SP, a PCL indicou que será possível nacionalizar outras linhas de produção no futuro, a depender da reação do mercado.

“A vinda da PCL é uma amostra da confiança dos investidores de todo o mundo no crescimento do mercado de autopeças no Brasil”, afirma Sérgio Costa, diretor de negócios da Investe SP. “Diversas empresas como essa tem percebido que a tendência desse mercado nos próximos anos é crescer e que estar em solo brasileiro é dar um passo à frente da concorrência”, complementa.

Com sede em Solapur, Maharashtra, na Índia, a PCL foi fundada em 1992 como usinagem de válvulas de comando. O produto continua sendo o core-business da empresa, que desde então, cresceu com a participação acionária de um grupo britânico e duas joint-ventures na China. Com um total de dez fábricas, das quais oito na Índia e duas na China, a companhia mantém meta ambiciosa de alcançar um total de 20% no mercado global de válvulas de comando.

Marcopolo apura faturamento 11,7% maior em 2017

23/02/2018 – Fonte: Automotive Business



Ganhos vão a R\$ 2,87 bilhões; resultado reflete reação do mercado brasileiro de ônibus

A encarroçadora de ônibus **Marcopolo** encerrou 2017 com **faturamento** 11,7% maior na comparação com o resultado do ano anterior. Segundo balanço divulgado pela empresa, os ganhos atingiram os R\$ 2,87 bilhões, como reflexo da retomada do mercado brasileiro e também com o desempenho das exportações, que atingiram quase R\$ 1 bilhão, equivalente a 34,8% dos negócios feitos ao longo do ano passado. No entanto, o lucro líquido caiu 63,1% no período, passando de R\$ 222,5 milhões para 82,1 milhões.

Em 2017, a Marcopolo contabilizou a produção de 8,6 mil ônibus no Brasil, aumento de 26,2% na comparação anual, o que marcou o início de sua retomada no mercado. Houve crescimento de 20,8% no segmento rodoviário, com 1,5 mil unidades, enquanto o segmento urbano houve queda de 14,5%, de 2,38 mil para 2,17 feitos no ano passado.

Nos segmentos de micros e Volare, houve crescimento em volumes de 104,6% e 43,5%, respectivamente. Com isso, a Marcopolo aumentou sua participação de mercado total da Marcopolo na produção brasileira de carrocerias, com

48,1% sobre os 41,3% em 2016. Houve ainda crescimento de 5,1% do volume para exportação, para um total de 3,2 mil ônibus.

Segundo o relatório, também contribuíram para o resultado a estratégia que a empresa determinou a partir da crise, visando a melhora das unidades fabris em busca de maior competitividade.

Entre eles, a adoção da metodologia lean ajudou a contornar o evento do incêndio que atingiu a fábrica de plásticos na unidade de Ana Rech, em Caxias do Sul (RS), permitindo que a produção voltasse ao mesmo nível do período anterior ao incidente em apenas cinco semanas. Também contribuíram as ações de adequação da estrutura organizacional e redução dos custos fixos realizados ao longo do ano.

Para 2018, a Marcopolo prevê uma continuidade da recuperação da indústria brasileira de ônibus, com indicadores consistentes: a empresa iniciou o ano com carteira de pedidos com volume de negócios superior ao verificado nos últimos anos e boas perspectivas para licitações, especialmente no âmbito do programa Caminho da Escola e exportações.

Outros fatores também deverão impulsionar o mercado deste ano, como a venda e produção de modelos rodoviários para o setor de fretamento e interestaduais, bem como a renovação de frota por parte dos operadores do segmento de urbanos com licitações já em consulta ou em andamento.

A empresa avalia que o Refrota, linha de crédito para o financiamento de urbanos, teve um início moroso, mas agora se constitui como alternativa para clientes do segmento.

Elétricos podem derrubar indústria, avisa Carlos Tavares

23/02/2018 – Fonte: Automotive Business

Presidente da Acea e CEO da PSA alerta sobre riscos elevados da tecnologia

“O **carro elétrico** já está colocado como alternativa obrigatória para todos os fabricantes de veículos na Europa, todos terão de até 2030 aumentar significativamente a oferta de modelos elétricos. Mas ninguém explica o grande quadro da tecnologia, que não está todo pintado. Primeiro, não se pode falar de limpeza de emissões sem fontes de energia limpa, não adianta ter uma frota elétrica abastecida com usinas de geração a carvão; então como vamos gerar toda a energia necessária?

Segundo, é preciso, ao menos um ano antes, estabelecer uma rede elétrica com densidade de energia suficiente para alimentar essa frota, isso custa dinheiro, quem irá pagar por isso? Vamos aumentar impostos? Terceiro, a carga fiscal aplicada hoje sobre combustíveis é uma importante fonte de receita dos governos; quando isso for transferido para os elétricos, o que acontece? O consumidor vai continuar achando vantajoso?

Por fim, ninguém fala sobre as emissões de CO2 para fabricar baterias e reciclar baterias; o que vamos fazer com isso?”

É assim, com muitas indagações, que Carlos Tavares, CEO do Grupo PSA e presidente da associação europeia de construtores de veículos, a Acea, responde à pergunta sobre o futuro dos carros elétricos. Ele admite que a tecnologia é uma tendência irreversível, especialmente na Europa e China, mas vê a escolha mais como ameaça do que solução para a indústria automotiva como um todo.

Para o presidente da Acea, a Comissão Europeia vai pelo caminho de pedir mais do que será possível entregar, o que poderá quebrar muitas empresas do setor.

“Isso ameaça diretamente 12,6 milhões de pessoas que trabalham na indústria automotiva só na Europa”, destaca. Tavares explica que a imagem de todas as montadoras foi arranhada pelo escândalo de fraude de emissões, acima dos limites legais, dos motores diesel da Volkswagen.

Com isso, muitos congressistas do Parlamento Europeu aumentaram a dose de desconfiança e votam por apertar as exigências, impondo o carro elétrico a todos os fabricantes. O executivo realça ainda um fator adicional de dificuldade: “Muitos dos deputados europeus são de países que não têm indústria automotiva, por isso as decisões que tomam não terão impacto social para eles”.

DOMÍNIO TECNOLÓGICO

Tavares avalia que, com o cenário que está se desenhando até 2030 na Europa, muitas montadoras poderão quebrar ou vão ser engolidas, compradas, pelas empresas que souberem dominar melhor a tecnologia.

“Por isso há três anos tomei a decisão estratégica na PSA de desenvolver nossa própria tecnologia de propulsão elétrica, com uma forte integração vertical; vamos fabricar nossos próprios motores elétricos, caixas de transmissão, sistemas de gerenciamento de potência e até as baterias, só não vamos fazer as células internas porque não somos químicos. Nossos primeiros modelos elétricos e híbridos plug-in serão lançados em 2019”, afirma.

Para ele, esse domínio tecnológico será fundamental para enfrentar a maior concorrência já vista pelos fabricantes europeus: “A China decidiu liderar o desenvolvimento de carros elétricos e tem um mercado enorme para consumi-los. Se os europeus não se mexerem, vão perder competitividade no mercado chinês e em boa parte do mundo”, avalia.

Nesse sentido, apesar da atual baixa rentabilidade da PSA no Brasil (leia [aqui](#)), a situação é bem mais tranquila com o uso de etanol nos motores, em níveis já suficientes para atender a redução de emissões de gases de efeito estufa proposta pela cúpula de mudanças climáticas da ONU, a COP 21.

“É muito positivo o uso de etanol e a tecnologia flex no Brasil, porque permite avanços imediatos, ao contrário do que acontece hoje na Europa, onde a Comissão Europeia quer propor limites ainda mais severos do que a COP 21”, diz. “Por que o setor de transportes, responsável por apenas 14% das emissões mundiais de CO2, deve ser o mais pressionado”, Tavares segue perguntando.

Faturamento da Schaeffler supera expectativa e cresce 5,9% em 2017

23/02/2018 – Fonte: Automotive Business



Dados apontam receita de € 14 bilhões sobre os € 13,3 bi de 2016

Dados preliminares de balanço financeiro divulgados pela **Schaeffler** mostram que a empresa superou suas próprias expectativas ao encerrar 2017 com **faturamento** 5,9% maior que o apurado no ano anterior, passando de € 13,3 bilhões para € 14 bilhões. O resultado ficou no mínimo 0,9 ponto percentual acima do projetado pela companhia, que previa aumento da receita entre 4% e 5% para o período.

No quarto trimestre, a multinacional reportou receita de € 3,5 bilhões, avanço de 8,5% na comparação com mesmo período de 2016.

Segundo a Schaeffler, a divisão dedicada ao setor automotivo obteve ganhos 5,9% maiores no ano passado, bem como a divisão industrial, que superou os resultados em 5,7%. O Ebit da companhia ficou em € 1,58 bilhão, com margem de 11,3%, dentro da meta estipulada para o período.

Segundo o CEO da Schaeffler, Klaus Rosenfeld, o resultado positivo reflete o plano estratégico global intitulado de Agenda 4 Plus One, que resume as principais estratégias em cinco categorias: foco no cliente, excelência operacional, flexibilidade financeira, liderança e gestão de talentos.

“Com nosso programa de excelência Agenda 4 plus One e suas 20 iniciativas, nós criamos a fundação para que o Grupo Schaeffler esteja ainda mais preparado para o futuro. Como qualquer programa de transformação, o Agenda 4 plus One irá requerer, inicialmente, investimentos que impactarão nossos ganhos em 2018. Mas nós decidimos acelerar a implementação do programa este ano e a alinhamos com nossas ambições financeiras para 2020”, afirma.

Para 2018, as projeções do Grupo Schaeffler apontam para aumento de 5% a 6% no lucro e espera gerar Ebit com margem de crescimento de 10,5% a 11,5%, além de antecipar um fluxo de caixa de € 450 milhões, sem considerar possíveis aquisições e fusões.

Fim da produção! Fiat Palio se aposenta após duas décadas

23/02/2018 – Fonte: Gazeta do Povo

Hatch dá o adeus oficial após virar um clássico no Brasil

A trajetória de 22 anos de fabricação do **Palio** chega ao fim oficialmente. A **Fiat** anunciou que a segunda geração, chamada de Novo Palio e lançada em

2011, teve a produção finalizada, assim como havia ocorrido em 2017 com as linhas Fire e Way (já destinadas a frotistas).



As versões com motorizações 1.4 e 1.6 também já haviam se despedido do mercado no ano passado, restando apenas o 1.0. A montadora também confirmou que o Punto sai oficialmente de cena.

A aposentadoria da dupla abre espaço de vez para que a **Fiat** concentre suas fichas no Argo, o modelo lançado no primeiro semestre de 2017 e que deverá assumir o papel de best-seller da marca. O **Palio** deixa de aparecer no site da Fiat ao mesmo tempo em que o sedã **Cronos** é lançado.



Sucesso de mercado durante as duas décadas, o **Palio** foi o responsável por quebrar a hegemonia do **Volkswagen Gol** como o campeão de vendas no Brasil. Ele assumiu o topo do ranking em 2014, beneficiado pelo convívio nas lojas da antiga e nova gerações.

Esta liderança durou até agosto de 2015, quando foi superado pelo **Chevrolet Onix**. De lá para cá, o carro perdeu terreno para modelos mais modernos e para o próprio irmão **Mobi**, que em 2017 passou a ser o hatch mais comercializado da Fiat- o Palio foi apenas o 37.º no ranking geral.

Nova Fiat

A decisão de aposentar projetos antigos atende à mudança que montadora vem realizando e que chama de 'Nova Fiat'. Esta mentalidade é ancorada pela plataforma renovada de produtos, forma por **Mobi, Argo, Cronos, Toro** e, em breve, uma nova picape compacta.

Linea, Palio e Punto puxam a fila de uma lista que ainda terá **Weekend, Grand Siena e Doblò**. A reformulação da gama tem por objetivo voltar à liderança de vendas no país, perdida em 2016 para a **Chevrolet** após 14 anos de hegemonia. Atualmente, ocupa a terceira posto, atrás também da Volkswagen

A nova fase prevê ainda a substituição dos motores E.torQ pela família Firefly, lançada no fim de 2016 e que já está **Mobi, Uno, Argo e Cronos**.

Uma breve história do Palio:

- 1996: O Palio é lançado em versões de três e cinco portas. Vinha equipado com motor 1.5 e 1.6 (este com 106 cv). No mesmo ano, surge a opção 1.0, o que

faz do Palio o primeiro carro nacional com essa cilindrada a vir equipado com freios ABS e airbags frontais.



- 1997: a família Palio ganha a companhia da perua Weekend e do sedã Siena.
- 1998: a linha ganha a picape Strada e a versão 1.0 do Siena associado ao câmbio de seis marchas.
- 1999: estreia da configuração Citymatic, que, apesar da caixa manual, trazia o acionamento automático da embreagem, algo inédito no propulsor 1.0. O sistema migraria para o Palio EX. No mesmo surgem a Palio Adventure e a Strada com cabine estendida.
- 2000: a linha de motores Fire estreia na opção 1,25 litro. O 1.0 litro Fire aparece na linha 2001, acompanhado da alteração no estilo e no interior.
- 2002: lançamento do Palio Fire, versão de entrada da linha.



- 2003: modelo renova no estilo e no painel, além de ganhar o motor flex de 1,25 litro, o primeiro da Fiat. Já o 1.8 da General Motors substitui o 1.6.
- 2005: o Palio ganha um ar esportivo na versão 1.8R. Ela exibe faixas laterais e cintos vermelhos, repetindo o que o Uno 1.5R na década de 1980.
- 2007: a Fiat resolve adotar um novo estilo, com elementos ovais, que acaba não sendo bem aceito pelos consumidores. Isso faz a marca mexer nos faróis pouco tempo depois. Esse desenho, o terceiro na linha, não migrou para a versão Fire, que manteve o visual (o segundo) até o fim.



- 2010: é a vez do motor E-Torq 1.6 entrar no lugar do 1.8 (da GM).
- 2011: lançada a segunda geração do Palio, com desenho mais atual, dimensões maiores e motores de 1.0, 1.4 e 1.6. A versão mais cara vinha equipada com a transmissão automatizada Dualogic. A versão Sporting segue a proposta do antigo 1.8R.

- 2014: assume o posto de o carro mais vendido do Brasil, superando o VW Gol, que reinou entre 1987 e 2013. O Fire incorpora a versão Way, com apelo 'off road' e suspensão elevada.



- 2017: Palio Fire sai de produção em janeiro, com o estoque suficiente para atender os frotistas até julho, quando se despede definitivamente da linha de montagem; Em novembro, sai de cena a segunda geração, que nunca repetiu o mesmo sucesso da primeira.

Receita cancela 1,3 milhão de CNPJs de microempreendedores individuais

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR



Receita Federal cancelou quase 1,5 milhão de CNPJs de microempreendedores individuais. Foto: Divulgação/Sebrae.

A Receita Federal cancelou a inscrição de 1,3 milhões de CNPJs de Microempreendedores Individuais (MEI). São pessoas que fizeram o cadastro na Receita Federal, mas nunca fizeram nenhuma movimentação. A medida pode beneficiar quem criou um MEI e nunca se preocupou em encerrar o número. É possível conferir o número no site da Receita.

No total, a Receita deu baixa em 1.372.246 CNPJs. O prazo para quem gostaria de se regularizar encerrou em 23 de outubro de 2017. Quem não procurou a receita neste período teve o CNPJ cancelado em 1.º de fevereiro de 2018, de acordo com o Ato Declaratório Executivo Cocad 01/2018.

A contadora e sócia da Contabfácil, Karina Rodrigues, explica que o cancelamento ocorreu porque um grande número de pessoas abriu o MEI e nunca utilizou.

“Tem gente até que esqueceu, e que chega para abrir um CNPJ e descobri que já criou, no passado”.

Mesmo sem saber, estas pessoas ficam irregulares com a Receita. Isto porque todo MEI deve fazer uma declaração anual, além de pagar um carnê de cerca de R\$ 50 mensal. Mesmo quem não exerce a atividade.

Confira abaixo perguntas e respostas sobre o cancelamento do MEI Quais CNPJs foram de MEI foram cancelados?

A Receita Federal cancelou o CNPJ dos Microempreendedores Individuais que nunca tiveram movimentação como pessoa jurídica.

É possível recorrer?

Não. O prazo para regularizar a situação encerrou em 23 de outubro de 2017.

Como saber se o meu CNPJ foi cancelado?

A Receita Federal disponibilizou um arquivo com todos os 1.372.246 CNPJs cancelados. A lista completa pode ser conferida no endereço <http://bit.ly/2op9sPK>

Não lembro se tenho um número como MEI

A consulta de cancelamentos é feito exclusivamente por CNPJ. Não basta ter o número de CPF. Quem não lembra se já se cadastrou como MEI deve procurar o Sebrae por auxílio, orienta a contadora Karina Rodrigues.

A Receita anistiu as dívidas dos CNPJs cancelados?

Não. Todos os Microempreendedores Individuais devem pagar um boleto mensal referente aos tributos que recolhe. Quem abriu o CNPJ e nunca pagou a guia têm uma dívida equivalente aos meses de CNPJ ativo, mais juros e multa.

Meu CNPJ foi cancelado. Como faço para trabalhar como MEI?

O prazo para regularizar os CNPJS já passou. Quem está na lista e deseja trabalhar como MEI deve regularizar sua dívida e abrir um número novo, orienta Karina Rodrigues.

São Paulo, 23 - A Petrobras anunciou que com o reajuste que entrará em vigor no sábado, 24, o preço médio do litro da gasolina A sem tributos nas refinarias será de R\$ 1,5607, aumento de 0,21% sobre o que estava vigente nos últimos dois dias. O valor médio nacional do litro do diesel A será de R\$ 1,7920, 1,25% maior do que o de R\$ 1,7699 na quinta-feira.

A nova política de revisão de preços foi divulgada pela petroleira no dia 30 de junho do ano passado. Com o novo modelo, a Petrobras espera acompanhar as condições do mercado e enfrentar a concorrência de importadores.

Governo centra o foco no projeto de reforma tributária

23/02/2018 – Fonte: Contábeis.com

O governo pretende dar atenção especial ao projeto de reforma do Programa de Integração Social (PIS) e da Contribuição ao Financiamento da Seguridade Social (Cofins), incluído pelo Palácio do Planalto entre as 15 prioridades da agenda Legislativa

REFORMA TRIBUTÁRIA



O governo pretende dar atenção especial ao projeto de reforma do Programa de Integração Social (PIS) e da Contribuição ao Financiamento da Seguridade Social (Cofins), incluído pelo Palácio do Planalto entre as 15 prioridades da agenda Legislativa deste ano.

A proposta está em fase final de formatação na Secretaria da Receita Federal e, segundo interlocutores do presidente Michel Temer, a intenção é encaminhar o texto o quanto antes ao Congresso Nacional, logo após a e equipe econômica finalizar os últimos detalhes.

A ideia é emplacar um texto que promova a redução do número de alíquotas do PIS e da Cofins, que variam, atualmente, conforme o setor de atividade. O objetivo é que a simplificação possa atrair para o mercado formal empresas que estejam à margem da tributação devido ao excesso de burocracia. E beneficiar também as que procuram estar com os impostos em dia, mas são penalizadas pelo complicado processo de recolhimento.

Na segunda-feira, quando o governo anunciou a nova agenda econômica, o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, afirmou que a ideia é possibilitar que as empresas produzam mais com menores custos.

“A simplificação sempre foi um item prioritário na visão de todos os analistas especializados e está na pauta do aumento da produtividade brasileira. A reforma está sendo, de fato, enfrentada. É um projeto que está em andamento há bastante tempo e vai elevar a produtividade das empresas”, destacou.

Diálogo

Por ora, o governo ainda aguarda a conclusão do projeto para iniciar as articulações com os líderes da base aliada. Não se sabe sob qual formato o governo planeja encaminhar as mudanças e qual a celeridade que a reforma terá no Congresso.

No ano passado, debatia-se a possibilidade de o Planalto encaminhar duas medidas provisórias ao Congresso. Uma promovendo a reforma do PIS e outra, da Cofins. Na situação atual, isso é impensável.

Mesmo vitorioso após aprovar o decreto de intervenção no Rio de Janeiro na Câmara e no Senado, o presidente Michel Temer está com a imagem desgastada perante o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), e o do Senado, Eunício Oliveira (MDB-CE).

Para Eunício, matérias que ainda não tramitam no Legislativo devem ser encaminhadas pelo governo na forma de projeto de lei em regime de urgência, e não por medida provisória. Temer pretende dialogar com os presidentes das duas Casas para evitar mais desgaste, destacou ontem o ministro-chefe da Casa Civil, Eliseu Padilha.

“O presidente está sempre aberto a contestações e, seguramente, vai conversar com ambos”, disse, ao ser questionado sobre os descontentamentos.

A priorização de uma reforma tributária, ainda que parcial, não é surpresa.

Quando ainda tentava convencer os parlamentares da necessidade da reforma da Previdência, Temer sinalizava que, após a atualização das regras de aposentadoria, as atenções do governo se voltariam para a simplificação do sistema de impostos.

A expectativa no Congresso era a de que o Planalto apoiasse a proposta do deputado Luiz Carlos Hauly (PSDB-PR), que prevê a unificação de nove tributos, incluindo o PIS/Cofins.

O problema é que o texto do tucano foi apresentado como uma proposta de emenda à Constituição (PEC). Com a intervenção no Rio, o Congresso ficou impedido de deliberar sobre projetos que alterem a Carta Magna.

Viabilidade

Líderes aliados avaliam que o governo não terá muita dificuldade de aprovar a reforma do PIS/Cofins. Mas advertem que o Planalto deve ter o cuidado de não apresentar um texto que, na prática, provoque alguma espécie de bitributação.

“Se isso ocorrer, vai haver muita crítica. De qualquer forma, será uma matéria muito bem discutida e modificada. Acredito que ela entrará de uma forma e sairá totalmente diferente”, avaliou o deputado José Rocha (BA), líder do PR na Câmara.

O chefe da Divisão Econômica da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), Fábio Bentes, defende uma reforma que não retire as empresas do setor do atual regime de tributação cumulativa, para que elas não sejam oneradas ou se vejam obrigadas a frear o processo de recuperação.

“Está muito claro que o governo tentará equilibrar as contas públicas pelo aumento da arrecadação. Mas isso deve vir do aumento da base de receita, e não de uma modificação nas alíquotas. Caso contrário, as empresas devem repassar o aumento de custos para os preços e isso pode desencadear aumento da inflação”, frisou.

Tributação em debate

O sistema tributário brasileiro estará em debate, no próximo dia 6 de março, no seminário Correio Debate: Tributação e Desenvolvimento Econômico, promovido pelo Correio Braziliense.

Entre os palestrantes do evento, no auditório do jornal, estarão o secretário da Receita Federal, Jorge Rachid; a professora de direito civil e comercial da Universidade de Brasília Ana Frasão; o economista Raul Velloso; o ex-secretário da Receita, Everardo Maciel; e o ministro Augusto Nardes, do Tribunal de Contas da União (TCU), entre outros.

Nova ferramenta do INSS mostra o tempo que falta para se aposentar

23/02/2018 – Fonte: Contábeis.com

Diferente da ferramenta anterior disponível no site, a nova calculadora realiza uma busca automática de todas as informações e dados de vínculos do trabalhador

O Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) lançou um novo serviço que simula o tempo de contribuição e diz se o trabalhador já tem tempo para pedir a aposentadoria por idade ou por tempo de contribuição.



O lançamento da ferramenta ocorre dias depois de o governo anunciar oficialmente a suspensão da tramitação da reforma da Previdência no Congresso.

A proposta de emenda à Constituição (PEC), que deve ficar parada até o fim do ano, endurece as regras para se aposentar e mira sobretudo aumentar a idade mínima para atingir o benefício.

Diferente da ferramenta anterior disponível no site, a nova calculadora realiza uma busca automática de todas as informações e dados de vínculos do trabalhador registrados nos sistemas do INSS.

A simulação funciona apenas como um primeiro "indício" do direito, pois ao visualizar a suposta possibilidade de aposentadoria, o trabalhador entrará em contato com o INSS para saber se, de fato pode receber o benefício.

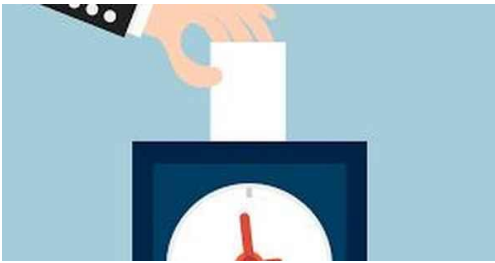
O simulador está inserido no Meu INSS, uma ferramenta criada pelo instituto para desburocratizar a vida dos segurados. No portal, a pessoa acessa e acompanha todas as informações da sua história de trabalho como dados sobre contribuições previdenciárias, empregadores e períodos trabalhados.

O objetivo é que por meio do Meu INSS o segurado consiga acompanhar todas as fases do pedido pela internet, interagir com o INSS quanto ao seu processo e receber notificações diretamente pelo site ou aplicativo para celulares.

Apuração do cartão de ponto - impactos do eSocial

23/02/2018 – Fonte: Contábeis.com

Embora o eSocial não tenha mudado a legislação, temos que ficar atentos aos procedimentos e a rotina do departamento pessoal. Está na hora de rever e repensar o que sempre foi feito e como podemos melhorar.



O cartão de ponto ou ficha de ponto é um dos principais documentos para o fechamento da folha de pagamento, uma vez que é base para apuração das horas extras, adicional noturno, faltas e atrasos.

Os empregadores adotaram práticas como implantação de “datas de corte” para fechamento dos cartões de ponto, tais como: de 16 de um mês a 15 do mês subsequente e o mais comum de 21 de um mês a 20 do mês subsequente, visando viabilizar o fechamento da folha de pagamento em tempo hábil.

É notório que o procedimento adotado até o momento é passível de questionamento quanto ao pagamento em atraso dos eventos ocorridos, conforme disposto na legislação:

“Art. 459 da CLT - O pagamento do salário, qualquer que seja a modalidade do trabalho, não deve ser estipulado por período superior a 1 (um) mês, salvo no que concerne à comissões, percentagens e gratificações. § 1º Quando o pagamento houver sido estipulado por mês, deverá ser efetuado, o mais tardar, até o quinto dia útil do mês subsequente ao vencido.”

Em muitos anos de consultoria, nunca vi autuações neste procedimento, entretanto, uma novidade trouxe esse tema a discussão, o eSocial.

Mas neste ponto, chamo a atenção a um detalhe, a legislação exige que os salários sejam pagos em período não superior a 30 dias.

Neste contexto, destaco as orientações do “Perguntas e Respostas” do eSocial – Versão 2.0 de 29 de agosto de 2014, dúvida **35**:

“Quando o período de apuração para exceção das horas é de 01 a 15 e o pagamento é todo dia 30, as horas extras realizadas de 16 a 30 são pagas somente no dia 30 do próximo mês, ultrapassando os 30 dias das exceções realizadas. Esse procedimento poderá ser mantido?”

Não. A legislação exige que os salários sejam pagos em período não superior a 30 dias. As horas extras realizadas entre os dias 16 e 30 deverão ser apuradas e pagas junto com a folha do mês vigente.

Muito embora o eSocial até o momento não preveja o envio mensal dos cartões de ponto, há situações ao longo do ano que poderão expor o procedimento ao fisco, cito como exemplo o colaborador que gozará 30 dias de férias dentre de um único mês. Caso ele tenha horas extras do mês anterior, como serão remuneradas?

No momento do envio dos eventos S-1200 (Remuneração de trabalhador vinculado ao Regime Geral de Previd. Social) ou S-1202 (Remuneração de servidor vinculado a Regime Próprio de Previd. Social) e S-1210 (Pagamentos

de Rendimentos do Trabalho) informaremos o detalhamento dos pagamentos de férias e detalhamento dos pagamentos efetuados (inclusive horas extras, adicional noturno, etc), neste momento poderemos ser questionados, pois como é possível constar férias (30 dias) e o pagamento de horas extras ou informação de horas extras adicionadas ao banco de horas?

A melhor prática a ser adotada é migrar o fechamento de ponto para que contemple o mês todo, ou seja, de 1 a 30/31 para que essas horas sejam remuneradas até o 5º dia útil subsequente.

Sei que será uma mudança e tanto nas rotinas já apertadas do departamento pessoal, mas será um esforço necessário rever o procedimento atual, a fim de evitar as eventuais multas que poderão ser aplicadas.

Preço da gasolina aumenta 0,21% e diesel sobe 1,25% no dia 24, diz Petrobras

23/02/2018 – Fonte: EM.com

A Petrobras anunciou que com o reajuste que entrará em vigor no sábado, 24, o preço médio do litro da gasolina A sem tributos nas refinarias será de R\$ 1,5607, aumento de 0,21% sobre o que estava vigente nos últimos dois dias.

O valor médio nacional do litro do diesel A será de R\$ 1,7920, 1,25% maior do que o de R\$ 1,7699 na quinta-feira.

A nova política de revisão de preços foi divulgada pela petroleira no dia 30 de junho do ano passado. Com o novo modelo, a Petrobras espera acompanhar as condições do mercado e enfrentar a concorrência de importadores.

Caixa quer economizar até R\$ 500 mi ao ano com novo PDV

23/02/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Banco espera adesão de no máximo 2,9 mil funcionários ao programa



Agência da Caixa na avenida Paulista, em São Paulo - Marcus Leoni / Folhapress
A Caixa Econômica anunciou nesta quinta-feira (22) um novo programa de desligamento voluntário, que deve abranger, no máximo 2,9 mil funcionários. Se esse limite for preenchido, o banco prevê economizar R\$ 500 milhões por ano a partir de 2019.

"O objetivo do PDE [Programa de Desligamento de Empregado] é ajustar a estrutura ao cenário competitivo e econômico atual, buscando mais eficiência do banco. O incentivo financeiro será oferecido aos empregados que desejarem se desligar da empresa e que se enquadrem nas regras do programa", disse a Caixa em nota.

De acordo com o banco, o período para adesão será desta sexta-feira (23) a 5 de março, e o incentivo para adesão é de 9,8 remunerações base do empregado, valor que será pago em parcela única e sem incidência de Imposto de Renda.

Os funcionários que vão se aposentar até 31 de dezembro e aderirem ao PDE poderão manter o Saúde CAIXA. "Os demais casos terão a manutenção do plano por 24 meses, sem a possibilidade de prorrogação", afirmou o banco.

Os empregados que podem participar do programa são os que possuem no mínimo 15 anos de trabalho no banco, quem tem adicional de incorporação de função de confiança ou cargo em comissão ou função gratificada, os aposentados pelo INSS até a data do desligamento e os aptos a se aposentarem até 31 de dezembro deste ano.

Brasil termina 2017 com 26,3 milhões de subempregados

23/02/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

População desalentada chega a 4,3 milhões, maior contingente da história

O Brasil terminou 2017 com 26,3 milhões de subempregados. A taxa de subutilização no quarto trimestre foi de 23,6% o que representou uma queda na comparação com o trimestre anterior (23,9%) e um aumento ante o quarto trimestre de 2016 (22,2%).

A taxa de subutilização do trabalho considera os desocupados, subocupados que trabalham menos de 40 horas semanais e os que fazem parte da força de trabalho potencial.

Na média anual, a taxa de subutilização da força de trabalho foi de 23,8% em 2017, o que corresponde a 26,5 milhões de pessoas. Os dados são da PNAD Contínua divulgada nesta sexta-feira (23) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Os estados que apresentaram as maiores taxas de subutilização da força de trabalho no quarto trimestre foram: Piauí (40,7%). Bahia (37,7%), Alagoas (36,5%) e Maranhão (35,8%). As menores ficaram em Santa Catarina (10,7%), Mato Grosso (14,3%), Rio Grande do Sul (15,5%) e Rondônia (15,8%).

DESALENTO

No quarto trimestre de 2017 a população desalentada chegou a 4,3 milhões de pessoas, o maior contingente desde o início da série histórica, iniciada no primeiro trimestre de 2012 (1,9 milhão). Do total nacional, 59,7% estavam no Nordeste (2,6 milhões de pessoas).

A população desalentada é, segundo o IBGE, aquela fora da força de trabalho por não conseguir trabalho, não ter experiência, ser muito jovem ou idosa ou ainda não ter encontrado trabalho na localidade. Se tivessem conseguido trabalho, eles estariam disponíveis para assumir a vaga.

Taxa de subutilização da força de trabalho no país fecha 2017 em 23,8%

23/02/2018 – Fonte: Agência Brasil

A taxa de subutilização da força de trabalho no país fechou 2017 em 23,8%, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-C), divulgados hoje (23) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Considerando-se apenas o quarto trimestre do ano, a taxa ficou em 23,6%

Isso significa que havia, no quarto trimestre do ano, 26,3 milhões de pessoas em pelo menos uma das seguintes situações: não conseguem emprego; trabalham menos do que poderiam; gostariam de trabalhar, mas não procuraram emprego; ou chegaram a procurar emprego, mas não estavam disponíveis para trabalhar.

A taxa de 23,6% ficou abaixo dos 23,9% do terceiro trimestre de 2017, mas acima dos 22,2% do quarto trimestre de 2016.

Entre as unidades da Federação, as maiores taxas de subutilização da força de trabalho foram encontradas no Piauí (40,7%), Bahia (37,7%), Alagoas (36,5%) e Maranhão (35,8%). Já aquelas com menores taxas foram Santa Catarina (10,7%), Mato Grosso (14,3%), Rio Grande do Sul (15,5%) e Rondônia (15,8%).

Pela primeira vez, a Pnad Contínua traz dados sobre os desalentados, isto é, aqueles que estavam fora da força de trabalho por uma das seguintes razões: não conseguiam trabalho, ou não tinham experiência, eram muito jovens ou idosos, não encontraram trabalho na localidade – e se tivessem conseguido trabalho, estariam disponíveis para assumir a vaga.

No 4º trimestre de 2017, o contingente de desalentados foi de 4,3 milhões, o maior da série histórica iniciada em 2012. O Nordeste tinha 59,7% do total de desalentados.

FGV diz que confiança do consumidor cai 1,4 ponto em fevereiro

23/02/2018 – Fonte: Agência Brasil



Índice de Confiança do Consumidor recuou 1,4 ponto em fevereiro, ao passar de 88,8 pontos em janeiro para 87,4

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) da Fundação Getúlio Vargas caiu 1,4 ponto em fevereiro, ao passar de 88,8 pontos em janeiro para 87,4. Em relação a fevereiro de 2017, no entanto, o índice avançou 6,7 pontos.

Segundo a FGV, a confiança dos consumidores em fevereiro acomodou-se em nível próximo a novembro passado, influenciada por uma menor satisfação com relação à situação econômica e perspectivas menos otimistas para os próximos meses.

Em fevereiro, tanto as avaliações sobre a situação atual quanto as expectativas em relação aos próximos meses pioraram.

O Índice de Situação Atual (ISA) caiu 1,4 ponto indo para 75,2 pontos, interrompendo a trajetória de seis altas consecutivas. O Índice de Expectativas (IE) teve queda pelo segundo mês consecutivo passando de 97,6 para 96,5 pontos.

INCC-M sobe 0,14% em fevereiro ante 0,28% em janeiro

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR

O Índice Nacional de Custo da Construção – M (INCC-M) desacelerou o ritmo de alta para 0,14% em fevereiro, após 0,28% em janeiro, informou na manhã desta sexta-feira, 23, a Fundação Getulio Vargas (FGV).

O índice relativo a Materiais, Equipamentos e Serviços arrefeceu a 0,32%, na comparação com 0,59% no primeiro mês do ano. Neste grupo, o componente Materiais e Equipamentos registrou variação de 0,40%. No mês anterior, a taxa havia sido de 0,64%. Segundo a FGV, o destaque foi a aceleração de materiais para estrutura, de 0,58% para 0,75%.

A parcela relativa a Serviços passou de uma taxa positiva de 0,39% em janeiro para variação negativa de 0,01% em fevereiro. Neste subgrupo, a FGV destaca a taxa de projetos, que passou de recuo de 0,08% para retração de 1,47% este mês.

O índice referente à Mão de Obra teve taxa zero em fevereiro, depois de subir 0,03% em janeiro.

Capitais

Dentre as capitais analisadas, cinco apresentaram desaceleração em suas taxas: Brasília (de 0,27% para 0,02%); Belo Horizonte (de alta de 0,19% para -0,02%); Recife (de 0,48% para 0,36%), Porto Alegre (de 0,37% para 0,17%) e São Paulo (de 0,34% para 0,14%). Já as variações apuradas em Salvador (de 0,18% para 0,21%) e no Rio de Janeiro (de 0,04% para 0,25%) aceleraram.

Destaques

Entre os itens que foram destaque da alta no segundo mês de 2018 em relação a janeiro estão vergalhões e arames de aço ao carbono, cuja taxa ficou em 1,19%, mesma taxa da leitura anterior. Além disso, houve avanço nos preços de elevador de 0,06% para 0,96%; esquadrias de alumínio, de 0,55% para 1,46%; ferragens para esquadrias, de 0,34% para 1,96%; e serviços e licenciamentos, de 0,91% para 1,28%.

Já entre as principais influências de baixa em fevereiro estão projetos (de -0,08% para -1,47%); massa de concreto (de +0,77% para -1,45%); tinta à base de PVA (de alta de 0,86% para -1,35%); compensados (de alta de 0,08%

para -1,32%); e aluguel de máquinas e equipamentos (de alta de 0,59% para -0,31%).

IPC-S sobe 0,26% na 3ª quadrissemana de fevereiro, diz FGV (+0,46% na anterior)

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR

A inflação medida pelo Índice de Preços ao Consumidor – Semanal (IPC-S) desacelerou de 0,46% na segunda quadrissemana de fevereiro para 0,26% na terceira leitura do mês, informo nesta sexta-feira, 23, a Fundação Getulio Vargas (FGV).

De acordo com a FGV, cinco de oito classes de despesas que compõem o IPC-S registraram alívio em suas taxas, com destaque para Alimentação, que teve queda de 0,07% depois de avanço de 0,47%.

Além disso, também apresentaram decréscimo nas taxas Educação, Leitura e Recreação (1,46% para 0,73%), Vestuário (-0,21% para -0,77%), Transportes (1,34% para 1,31%) e Comunicação (0,10% para -0,05%).

O grupo Saúde e Cuidados Pessoais repetiu a taxa de variação registrada na última apuração, de 0,50%.

Por outro lado, segundo a FGV, registraram aceleração no período os segmentos de Habitação (-0,27% para -0,12%) e Despesas Diversas (0,18% para 0,24%).

Concentração e juros altos favorecem lucros de bancos

23/02/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Com queda da taxa básica, porém, instituições terão de conceder mais empréstimos para manter desempenho



Fila em agência na zona leste de São Paulo - Tercio Teixeira - 10.out.2013/Folhapress

A queda da Selic, a taxa básica de juros, para o seu menor nível histórico não impediu o aumento de dois dígitos no lucro dos quatro maiores bancos do país no ano passado. O desempenho, dizem especialistas, é reflexo da forte concentração bancária e das taxas de juros cobradas dos clientes, que não acompanham a redução da Selic na mesma velocidade.

No Brasil, os quatro maiores bancos —Banco do Brasil, Itaú Unibanco, Bradesco e Santander Brasil-- detêm 60,3% dos ativos totais de todo o sistema financeiro.

Estudo feito pela consultoria Accenture para a Febraban (Federação Brasileira de bancos) mostra o Brasil no 5º lugar entre 13 países analisados no que diz respeito à concentração bancária.

A mesma pesquisa mostra que, em 2016, numa lista de 13 países, o Brasil tinha o maior spread (diferença entre o preço pago pelos bancos para captar recursos numa ponta e emprestar na outra).

No ano passado, enquanto a taxa básica Selic caiu de 13,75% ao ano para 7%, o juro médio nas operações de crédito com recursos livres —que excluem financiamento imobiliário e do BNDES— recuou de 73,2% para 55,1%, níveis muito mais elevados.

A diferença entre as taxas é, em parte, explicada pela concentração bancária, afirma Luis Miguel Santacreu, analista da Austin Rating.

"Eles têm condições de não abaixar tão rapidamente o juro, porque não há tantos bancos ofertando crédito. As fintechs [start-ups financeira] surgem como opção para tentar reduzir os juros, mas ainda não fazem cócegas nos bancos", diz.

João Augusto Salles, economista da consultoria Lopes Filho, tem avaliação parecida. "Se um cliente for a cada um desses bancos, vai encontrar taxas de juros semelhantes. A baixa concorrência não permite que os juros caiam a uma velocidade maior."

Salles lembra que a argumentação para manter o spread elevado é de que o risco do sistema permanece elevado, porque embute inadimplência. "Mas o risco está diminuindo, tanto é que as provisões contra devedores duvidosos caíram", diz ele.

AJUSTES

A quena na provisão contra calotes acompanhou a melhora nos índices de inadimplência e ajudou a impulsionar o desempenho dos bancos no ano passado. No Itaú, o corte chegou a 27%, ou R\$ 7,1 bilhões. No Banco do Brasil, a diminuição foi de 19,9% (quase R\$ 6,3 bilhões).

"Os bancos fizeram fortes ajustes nas carteiras de crédito. Como tinham provisões robustas contra calotes em 2016, reverteram uma cifra volumosa nos balanços de 2017", diz Salles.

Ao longo do ano passado, as instituições também controlaram custos. Além disso, buscaram diversificar a fonte das receitas para compensar a queda nos empréstimos.

Neste ano, porém, os bancos precisam emprestar, diz Rafael Bevilacqua, estrategista-chefe da casa de análise Levante. Segundo ele, a queda da Selic força os bancos elevar concessões para manter o ganho com o crédito."

Eles vão ter que dar crédito, o que pode impulsionar a economia. Com o desemprego caindo, há espaço para que sejam mais agressivos."

Meirelles diz que BC autônomo tem maior credibilidade

23/02/2018 – Fonte: Tribuna PR

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, avaliou nesta quinta-feira, 22, que o Banco Central autônomo tem maior credibilidade e controla a inflação com mais eficácia. O projeto de autonomia com mandatos para o presidente a diretoria colegiada do BC é uma das prioridades da nova agenda legislativa do governo.

“A inflação mais baixa de hoje leva a taxas de juros menores e maior estabilidade, e como consequência também a um maior crescimento econômico. Ter a autonomia do BC assegurada em lei dá confiança de que essa estabilidade será mais permanente”, afirmou o ministro, em entrevista à Rádio Itatiaia (MG).

O ministro também avaliou como positivo o projeto de criação de fundos de pensão estaduais para gerir a aposentadoria dos servidores dos entes, mas ressaltou que é importante que esses fundos sejam autofinanciáveis. “O objetivo é viabilizar que fundos consigam pagar aposentarias sem aumentar o déficit público”, afirmou.

Questionado se a União pode oferecer ajuda financeira a Minas Gerais, Meirelles respondeu que o Estado ainda não solicitou a adesão ao Regime de Recuperação Fiscal (RRF), que suspende por três anos o pagamento das parcelas das dívidas estaduais com a União em troca de contrapartidas de ajuste fiscal.

“O exemplo do Estado do Rio de Janeiro serve para outros Estados aderirem a Regime de Recuperação Fiscal. Estamos negociando a adesão do Rio Grande do Sul e teremos condições de trabalhar com Minas Gerais para resolver a situação financeira do Estado”, concluiu.